

PENSAR UNIVERSAL: SAMBA DE COCO PARELHA TROCADA E O TIC TAC DO TEMPO

Denize Tomaz de Aquino¹
José Jorge de Almeida²
Julia Patrícia Barbosa Ferro / Amanda Correa Paes³

Resumo

O trabalho tem como objetivo discutir através da dança o resgate da identidade cultural da comunidade quilombola Estrela, localizada no nordeste do Brasil, analisada nos seus respectivos contextos sócio históricos, abordados a partir da dança: Samba de Coco Parelha Trocada como elemento da trajetória histórica dessa comunidade afro descendente, marco nas lutas em defesa da identidade dessa comunidade. Para discutir a temática, necessário se faz entender criticamente o significado dos conceitos: aprender a conhecer aprender a fazer, aprender a ser e aprender a conviver, superando o individualismo e dando ênfase ao coletivo como entendimento principal às questões culturais. Para o desenvolvimento do trabalho se faz necessário uma abordagem metodológica ancorada na perspectiva dialógica, etnográfica, com o aporte do referencial teórico histórico materialista, na perspectiva de investigar e mediar um processo de construção de conhecimentos que ressalte e permita o estabelecimento de relações entre a teoria e a realidade social em que vive essa comunidade. Como achados iniciais destacamos a compreensão da comunidade a partir da identidade cultural advinda do samba de coco de parelha trocada.

Palavras chave: afro descendência, comunidade quilombola, Territorialidade, Identidade cultural.

¹Professora da Universidade de Pernambuco-UPE- Coordenadora da Pesquisa. E-mail: denizeaquino@yahoo.com.br

² Colaborador Externo. E-mail: Jorgeartes@bol.com.br

³ Alunas Bolsistas do PFA/UPE Programa de Fortalecimento Acadêmico da UPE E-mail: Juliapatriciab@hotmail.com / E-mail: amanda.pa.es@hotmail.com

Abstract:

This paper aims to discuss through dance the rescue of the cultural identity of a maroon community called "Estrela", located in northeastern Brazil, examined in their social historical contexts, approached by the dance: "Samba de Coco Parelha Trocada" as an element of the historical trajectory of this African descendant community, a landmark in the struggle to defend the identity of this community. To discuss the subject, it has been made necessary to critically understand the meaning of the following concepts: learning to know, learning to do, learning to be and learning to live, overcoming individualism and giving emphasis on the collective as understanding the main cultural issues. For the development of this work, it has been made necessary to use a methodological approach grounded in dialogical perspective, ethnographic, with the contribution of historical materialist theoretical framework in the view of investigating and to mediate a process of building knowledge which stresses and allow the relationship between theory and social reality, in which this community lives. As initial findings, we emphasize in the understanding of the community from the cultural identity point of view, arising from the "samba de coco de parelha trocada".

Key-words: african-descent, maroon community, heritage, cultural identity Population, Mobile & Cultural Identity

Introdução

Vivenciando o universo místico da Comunidade Quilombola Estrela, durante as ações de ensino; pesquisa e extensão em 2010 no PFA- Programa de Fortalecimento Acadêmico- Coordenação Geral de Cultura, percebi como as questões sobre o Quilombo dos Palmares permeiam a história da sociedade de Garanhuns, no âmbito das manifestações culturais: nas artes; na música; na dança, alimentando o imaginário popular do espaço geográfico onde está localizada a UPE campus Garanhuns.

Vivências como professora da Universidade de Pernambuco, orientando trabalhos de pesquisa de conclusão de curso na temática Quilombola; ministrando a disciplina Movimentos Sociais, foram fundamentais para o direcionamento da escolha do tema da pesquisa contribuindo para consolidar as ações de extensão e cultura da Universidade de Pernambuco, que tem como uma das suas propostas articular o ensino a pesquisa e extensão com os vários segmentos organizados e produtivos da sociedade.

Ao estudar Quilombolas, observa-se que a temática que aborda os estudos sobre os Quilombos no Brasil contemporâneo são bastante significativas. Dados estes que representam um importante significado na história e na conformação da sociedade brasileira.

De acordo com Carril (2009) Os estudos sobre quilombolas vêm sendo feitos há mais tempo pela antropologia, do que qualquer outra ciência, enfocando relações sociais, privilegiando a esfera religiosa. Embora pesquisas recentes tenham mostrado a importância dessa temática na Sociologia, História, Psicologia Social e demais Ciências Sociais onde cada uma aborda esta temática segundo pontos de vista diferentes.

No caso da geografia as pesquisas sobre quilombolas são mais recentes e exigem um diálogo com outras ciências, principalmente nas questões de identidade, resistência as tradições e na busca de novas propostas de conhecimentos contribuindo com o universo das pesquisas existentes.

Paralelamente aos trabalhos realizados, pretende-se ampliar esse universo de conhecimentos e discussões sobre os Quilombolas, abordando as questões dos significados atribuídos à dança do samba de coco parelha trocada, que para eles representa a construção de uma identidade e territorialidade em (re) construção da comunidade Quilombola Estrela.

Buscou-se atribuir na pesquisa, pelo uso de instrumentos metodológicos, referências dos atores da comunidade quilombola Estrela recolhendo depoimentos da história de vida, a lógica interna dos fatos, dos relatos e as observações. Buscando situar essas histórias numa visão de conjunto no tempo e espaço como elementos norteadores do trabalho, uma vez que os mesmos declaram a permanência da sua identidade, através do samba de coco parelha trocada como prática de identidade por entendermos que são sujeitos coletivos que produzem pensamentos de processos históricos sociais.

Paralelamente a esses questionamentos revelados, atribuímos diálogos entre esses relatos e outros estudos sobre a temática Quilombola inferindo a estes o referencial teórico da Sociologia, Antropologia, História, Psicologia Social e demais Ciências Sociais numa prática dialógica.

Quilombo Estrela

O Quilombo Estrela está localizado no município de Garanhuns, situado no Planalto da Borborema, Nordeste do Brasil, distante da sede cerca de 30 km.

A descrição da paisagem geográfica do sítio Estrela, enquanto estrutura visível representa uma leitura do tempo e espaço. É representada pelas casas, atualmente de alvenaria, mas com a estrutura inicial, investida de valores sentimentais, o passado coexiste com o presente que se distribuem ao longo do espaço geográfico e que sofrem influências de modelos culturais a que elas pertencem.

Os significados dessa paisagem com os atores ali habitados podem ser codificados por verdadeiros estereótipos que apresentam relação cultural com seus antepassados. Nesse sentido, tais paisagens são, pois, feitas de elementos de idades diferentes.

Santos (1996) descreve que o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro, a vida que os preenche, ou seja, a sociedade em movimento. E que, para Ortiz (2000) É preciso identificar no espaço, homens e costumes.

A literatura descreve que os quilombolas do Estado de Pernambuco são de origem do Quilombo dos Palmares, considerado um dos mais importantes Quilombos do Brasil, situado, na época, na região sul do Estado de Pernambuco, onde hoje é o Estado de Alagoas. Palmares foi durante quase um século um exemplo evidente de resistência negra ao sistema escravista nos primórdios do século XVII.

Esses representantes dos Palmares, hoje, lutam por outras resistências, principalmente pela sua identidade, construída ao longo de um processo histórico preservando as tradições e os costumes que merecem ser reconhecidos.

Por não entenderem esse processo histórico, muitos acreditam que os quilombolas não valorizam suas raízes culturais, não entendem que essa luta teve início a partir da vida nas comunidades de escravos fugidos, da separação dos escravos da África, da mestiçagem com povos indígenas no interior dessas comunidades e da quantidade de aculturação que esses povos escravizados sofreram sob o domínio dos portugueses.

Entendemos que essa luta representa para esses quilombolas uma ferramenta em construção pela africanidade.

E, de acordo com Monteiro, (1985) Pernambuco se destaca entre os Estados brasileiros de maior número de quilombolas reconhecidos. Ao mesmo tempo em que dados estatísticos da Fundação Palmares apontam a região Nordeste com maior número de quilombolas reconhecidos e entre as duas mais populosas no que se refere aos afro-brasileiros.

Segundo dados da Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco, Garanhuns congrega 06 comunidades quilombolas de origem dos Palmares, localizados a oeste do município, muitas vezes apresentando traços comuns, dado ao fato de que historicamente são descendentes dos Palmares e cuja ocupação do espaço ter sido em tempo histórico semelhante, mas com algumas especificidades e individualidades de conquistas localizadas, que representam marcas de identificação de cada quilombola.

Ao mesmo tempo não se pode descartar que a luta por direitos e construção da identidade de cada espaço ocupado por esses quilombolas representa um símbolo e um marco coletivo, são eles: Timbó, Caluete, Tigre, Castainho, Estivas e Estrela este último objeto de Estudo.

Breve histórico

O estudo sobre a Comunidade Quilombola Estrela, nos remete a muitas informações sobre a história do povo brasileiro, discutida nas várias concepções teóricas e nos vários seguimentos da sociedade.

Embora não exista dados quanto à origem das terras acredita-se que a ocupação do espaço onde está localizado o quilombola Estrela, também chamado por alguns habitantes de Garanhuns de sítio Estrela, tenha sido ocupado por eles por volta do Século XVIII, logo após o povoamento da freguesia de Santo Antonio do Ararobá, posteriormente terra de Simoa, hoje município de Garanhuns. Essa região recebeu escravos fugitivos de Palmares e ali formaram o quilombola, cujo nome não se sabe a origem, mas recebeu o nome de Estrela.

Essas terras, de propriedade particular, foram ocupadas inicialmente com palhoças e em seguida construíram as casas de taipa.

Não se sabe especificamente a quem pertence essas terras ocupadas por esses quilombolas; não existe registro da posse e até hoje não se conhece solicitação de reintegração da terra.

Cientes disto percebem que, cada vez mais se estabelecem ao longo dos tempos novos donos, sem a ancestralidade quilombola, fazendo com que os mesmos cada vez mais fiquem encurralados. Como uma comunidade, esses afro-brasileiros representam uma comunidade economicamente marginalizada e politicamente privada dos seus direitos civis

Segundo seu Pedro, principal líder quilombola, essas terras pertencem a uma família hoje estabelecida no município de Venturosa, distante 60 km, a qual sua matriarca ofertou um oratório cuja simbologia representa uma das formas de identidade dessa comunidade Estrela.

Como forma de sobrevivência, desenvolveram a agricultura de subsistência baseada no plantio da mandioca e feijão de onde retiravam parte da alimentação através dos derivados da farinha de mandioca e que, até hoje, constitui a principal atividade de subsistência, praticada exclusivamente pela mão de obra feminina, liderada pela matriarca da comunidade.

Para suprir outras necessidades da alimentação, desenvolvem a prática de outros produtos de subsistência alimentar tais como: a pecuária bovina, criação de galinhas e criação de peixes em um lago artificial, bem como hortaliças e fruticultura na perspectiva de uma sustentabilidade melhor.

Contudo há momentos difíceis, pois a quantidade de famílias para alimentar é grande e o desemprego é generalizado nessa comunidade.

Quando retomam os momentos de chegada às terras falam da fome que era responsável por grande parte das mortes dos quilombolas principalmente das crianças.

Relatam que nessa época Garanhuns invernavam muito e estes não estavam acostumados ao frio intenso. Muitos morriam de picada de cobras outros de doenças desconhecidas, chamadas por eles de “pestes”.

Nesse caso, de acordo com Carril (2009) as expressões Quilombolas desvelam a condição social do ser negro no Brasil Moderno e as novas possibilidades do fato de, não só ser negro, mas pertencer a um grupo étnico da formação do povo brasileiro de uma, ancestralidade muito discutida nos tempos atuais.

É sabido que, distanciado no tempo, o quilombola Estrela é explorado pelos seus símbolos e negado como movimento social negro. Que não representam uma manifestação cultural, entendida por alguns quando observam sua dança de coco, mas uma luta pela construção da sua identidade através do samba de coco parelha trocada.

Suas ações são pela sustentabilidade do ser negro e não apenas da sustentabilidade de um anti racismo duvidoso, questionado pelo próprio espaço geográfico onde estão localizados. Conforme descreve Gohn, (2010) O dado real é este: precisa-se alterar a cultura e a mentalidade, sedimentada em grande maioria dos brasileiros, em relação aos valores culturais, objetivando resgatar o patrimônio histórico.

Esse legado histórico do ser negro no Brasil na contemporaneidade, bem como a retomada das discussões e reflexões, sobre a ótica Quilombola, no que se refere à auto identificação com base no vínculo com a terra precisam ser preservados e principalmente respeitadas para que possamos realmente compreender a multiculturalidade brasileira a partir da sua formação territorial.

De acordo com Corrêa (1990) a organização espacial é assim constituída pelo conjunto das inúmeras cristalizações criadas pelo trabalho social. Para isto, cria formas duradouras que se cristalizam sobre a superfície da Terra. Caso contrário, insistimos, a sociedade se extinguiria.

Dança de Coco Parelha Trocada

Ao longo de mais de duzentos anos como uma comunidade afro-descendente o quilombola Estrela grita por sua identidade representada através da dança de coco parelha trocada de origem africana, surgida dentro dos cafezais, como forma de manifestação da colheita do café e preservada ao longo dos anos.

A visão preconceituosa do ser negro fazia com que eles se juntassem a noite nos terreiros das pequenas casas de taipa, ao som de uma batida onde formavam passos aos quais davam nomes como: coco de parelha trocada, Baile do supapo, samba de coco entre outras denominações, criadas pela comunidade quilombola a partir do samba de coco e aderindo ao nome conforme a região onde eram tocadas e cantadas pelos negros fugidos. Quando instrumentadas, essas danças, recebiam o nome de coco de zabumba, coco de ganzá, pagode, zambê, bambolês entre outras.

Essa dança representava uma forma de integrar a comunidade depois de um dia de trabalho em tempos de festa, onde os mesmos tiravam versos sobre suas histórias de vida, ao som do batuque oriundo da batida entre duas tampas de panela ou com duas colheres. E de acordo com Claval(2001) A cultura só existe através dos indivíduos aos quais é transmitida, e que por sua vez, a utilizam, a enriquecem, a transformam e difundem.

No caso do quilombola Estrela esse improvisado de letras, algumas delas escritas e conhecidas entre eles até hoje, como “o café de josué”, ainda são cantadas nas apresentações do samba de coco parelha trocada. A primeira instância o que parece é que é a mesma forma de dançar o coco, mas com uma categoria diferenciada daí a preservação dessa dança que surgiu nos cafezais ao longo dos anos da existência desses quilombolas e que hoje representa a luta pela preservação da sua identidade através da sua inserção na sociedade.

Silva (2007) afirma que: histórias sobre a escravidão participam da construção da identidade afro-brasileira e, são elementos de grande importância na elaboração da memória e identidade de um povo.

Importante se faz lembrar que a música está bem representada nos músicos afro-descendentes. Para o quilombola Estrela ela constitui uma parte vital na qual os sentimentos e suas histórias de vida são expressos por meio de versos e acompanhados por instrumentos tais como o pandeiro, timba e o tambor adquiridos através de programas sociais e de pesquisas.

A grande preocupação dos líderes do Estrela é que ao longo de décadas vem mantendo essa tradição centenária, remanescente dos seus antepassados e esta manifestação cultural hoje vem passando pelo processo de esquecimento. Se entendermos que a dominação cultural, advinda da globalização, acompanha a dominação social e econômica, o sistema de controle social passa a dominar todas as manifestações culturais, principalmente nas comunidades quilombolas, por estas estarem mais fragilizadas no ponto de vista do incentivo a cultura e a falta de políticas públicas .

Muitos concordam que a globalização representa a unificação mundial da cultura, é o domínio do mais forte sobre o mais fraco, apresentam aquilo que a mídia concebe, não respeitando as diferenças; especificidades e a multiplicidade das culturas individuais e regionais.

Estas em contrapartida criam mecanismos de defesa contra a cultura dominadora. Como é o caso do quilombola Estrela, representado por seu Pedro e dona Siliu, Peleca, Inês, Durica e Teta que através da liderança de seu Pedro lutam pela identidade do seu povo. Ter acesso aos consumos culturais valorizadores principalmente no que se refere aos valores importados é a grande preocupação desses líderes representantes de idade madura.

Essas preocupações são perceptíveis quando Externalizam o tempo de vida e seus valores para si e para os outros indivíduos da comunidade. Suas lembranças revelam suas relações de pertencimento ao seu grupo.

As referências ao passado revelam uma história de vida, ou por alguns considerada história social, que compõem hoje a sociedade quilombola numa definição de lugar e tempo com o objetivo de perpetuação e continuidade dessa ancestralidade em seus descendentes.

Segundo eles, essa manifestação cultural pode sim estar adormecida, mas não esquecida. E de acordo com Brant (2005) devemos proteger aqueles que promovem a cultura, a reproduzem, a protegem ou a inovam, devemos dar-lhes uma voz para defender-se, para indicar o rumo que querem e devem tomar, para participar de maneira soberana.

A compreensão desses sujeitos históricos, na luta pela sustentabilidade de ser negro, e a luta pelo território e preservação da cultura através das crenças centenárias e da dança de coco parelha trocada, bem como os valores atribuídos a esses espaços precisam ser consolidados. De acordo com Claval (2001) os indivíduos e os grupos são condicionados pela educação que recebem: a cultura aparece, assim, como uma herança e não deve e não pode ser camuflada. Nesse sentido, compreende-se que Luta espacial e luta social são lutas pelo espaço.

Nesse sentido, a questão a ser discutida pelos quilombolas Estrela não é apenas o território e sim sua simbologia. Simbologia de um espaço onde ocorrem as afetividades humanas onde estes estabelecem vínculos afetivos de crenças e de parentesco as significações culturais e compadrios e constroem suas histórias de geração a geração através da dança de coco parelha trocada e os valores culturais a ela atribuídos ao mesmo tempo em que se estabelecem enquanto sociedade. A identidade e o território são elementos intrínsecos da identidade desses quilombolas.

Representado pela figura de “seu Pedro”, representante vivo do quilombo Estrela com mais de 90 anos declarados no registro de nascimento. Documento este recebido ao casar, e que tal data de nascimento foi contada a partir da chegada dele nas terras pertencente ao quilombo com 10 anos de idade, o que comprova 100 anos.

O fato de esse líder comunitário ser considerado pela comunidade como a voz da luta pela identidade tem um efeito notável; ele representa um agente social em seus discursos em memória do seu povo, ou seja, de um indivíduo para o coletivo.

Percebe-se que muitos quilombolas moradores na comunidade não participam dessa caminhada, mas lutam pelo processo de conservação da identidade.

Entende-se que, na relação do homem com o espaço este constrói suas histórias e memórias e se estabelecem enquanto sociedade. Nestas histórias estes retornam as vivências coletivamente construídas sempre na certeza da possibilidade de perpetuar suas raízes e lhes dá prestígio que perpassam de geração em geração como um eco

Na concepção de comprometidos que estamos pela sobrevivência desse Quilombola, necessário se faz uma rediscussão para identificar os diversos papéis dos líderes Quilombolas em suas várias formas de valores sociais e ideológicos na luta pela resistência estimulando programas com apoio de políticas públicas em prol dessas comunidades.

Considerações finais

A metodologia adotada nos possibilitou um resultado favorável no que concerne aos objetivos propostos para a pesquisa.

A análise das histórias de vida com os símbolos de um passado repudiado e na expectativa de dias melhores narradas pelos quilombolas e comprovadas pelo seu líder representa o quanto se faz necessário políticas públicas em prol de comunidades quilombolas que lutam pela sobrevivência de uma cultura renegada ao longo do processo histórico do Brasil.

Ser quilombola representa a luta de um povo, percebida a partir do processo de exclusão no próprio espaço geográfico onde estão localizados; o desemprego generalizado e a informalização das relações de trabalho se configuram na precarização da qualidade de vida dessas famílias. Ressalte-se ainda que os desempregados têm no

trabalho temporário ou nos “bicos” a única forma de sobrevivência diante da ausência do emprego formal na economia local.

Nesse sentido conclui-se que o samba de coco parelha trocada representa a luta para manter viva a identidade e dignidade quilombola; seus valores culturais e principalmente a luta contra a opressão da sociedade.

Referências

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania.** São Paulo: Annablume: FAPESP, 2006.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural.** 2ª ed. Florianópolis: Editora Da UFSC, 2001.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e Organização Espacial.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática, 1990. (Série Princípios).

DAVIS, Darien J. **Afro-Brasileiros Hoje.** São Paulo: Selo Negro, 2000.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais,** (paradigmas clássicos e contemporâneos). São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MONTEIRO, A.M. Queiroz. **Castainho: etnografia de um bairro rural de negros.** Recife: Massangana, Fundação Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1985.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses Do Espaço Habitado.** 4ª ed. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SILVA, Vagner Gonçalves (org.) **Imaginário, cotidiano e poder.** São Paulo: Selo Negro, 2007 (Memória afro-brasileira; v.3)